

KUPFER, D. O Século Xi. *Valor Econômico*, Rio de Janeiro, 13/11/2017. Disponível em: <https://valor.globo.com/opinia0/coluna/o-seculo-xi.ghtml>.

---

## O Século Xi

13/11/2017

A passagem do presidente dos EUA, Donald Trump, pela China na semana passada pode ter um significado que transcende, e muito, os resultados diplomáticos que a visita possa ter proporcionado. Visto em continuação ao encerramento do 19º Congresso do Partido Comunista Chinês duas semanas antes, que reconduziu o Presidente Xi Jinping a mais cinco anos de mandato - em uma tal consagração que abriu a perspectiva dele se eternizar no poder -, fica caracterizada a ruptura da política externa chinesa com a linha “low-profile” que perdurava desde Deng Xiaoping nos anos 1980. Os movimentos sinalizando a guinada da China em busca da hegemonia internacional dão ao século XXI uma nova cara: a do século Xi.

A proposta de Xi pode ser resumida em uma palavra de ordem muito simples. É hora de avançar do “big” para o “strong”. A China se reconhece como a fábrica do mundo, sendo a maior produtora do planeta em mais de 200 tipos de atividades industriais mas ainda se vê distante de ocupar o topo das cadeias globais de valor. Essas posições de liderança competitiva são verificadas em poucas indústrias de maior conteúdo tecnológico (especialmente trens de alta velocidade, turbinas de geração elétrica de grande porte e equipamentos de telecomunicações) enquanto o país é dependente de importações em muitos componentes e equipamentos chave. Também é incipiente a posição das marcas chinesas em terceiros países e nos mercados internacionais.

A meta de tornar a China um país “moderamente próspero em geral” em 2020 já está sendo tratada como etapa cumprida. Agora, de acordo com a declaração final do 19º Congresso, os objetivos são tornar a China um centro global de inovação em 2035 e atingir a liderança mundial em 2050. Pretende-se que, no centenário da fundação da República Popular da China, o “socialismo com características chinesas” seja o regrador do mundo.

Dois marcos podem ser arrolados como decisivos para fundamentar essa inflexão em direção a um projeto geopolítico hegemônico. Primeiro, o mergulho do ritmo de crescimento do PIB pós crise de 2008 foi contornado, com o país tendo sido bem-sucedido em estabilizar a taxa em torno de 6,5% ao ano. Pode parecer pouco em vista dos 12 ou 13% de uma década atrás, mas ainda é um ritmo de expansão suficiente para ancorar uma firme trajetória de progresso econômico e social.

É o que o governo chinês expressa como a grande vitória obtida na transformação do modelo de quantidade para o de qualidade do crescimento, entendida como mais equidade, mais distribuição, mais sustentabilidade ambiental. E isso foi obtido sem a necessidade de reformas radicais no sistema de empresas estatais ou nas instituições financeiras que o Ocidente julgava inexoráveis para ajustar a economia.

O segundo é menos visível, mas nem por isso menos importante. A China progrediu no

campo da ciência, tecnologia e inovação mais rapidamente do que era esperado. Os sonantes resultados alcançados vão desde uma trajetória sustentada de expansão do investimento em P&D como proporção do PIB, que atingiu 2,11% em 2016, sendo mais de  $\frac{3}{4}$  em P&D industrial, até o enorme crescimento do número de institutos de pesquisa universitários e empresariais chineses globalmente reconhecidos, passando por uma verdadeira explosão no número de artigos científicos e patentes, dentre outros indicadores.

Em campos tecnológicos que contemplam os maiores potenciais de obtenção de inovações disruptivas que, segundo os especialistas, são “Nanotecnologia” e “Inteligência Artificial”, a China já ocupa posição de destaque. Na Nanotecnologia, quase  $\frac{1}{3}$  dos artigos científicos publicados em 2016 registrados na base Web of Science foram originados na China. Em Inteligência Artificial, o rápido avanço chinês é testemunhado pelo fato de que, no ranking recém-divulgado pela Nikkei-Elsevier, duas Universidades do país já aparecem entre as Top 10 na lista de artigos científicos mais citados.

Os mais céticos questionam se o modelo político de comando e controle que conduziu com inegável eficácia a China nos últimos quarenta anos será adequado para essa nova etapa de desenvolvimento puxado pela inovação.

A resposta chinesa é a de sempre: nova estratégia, novas reformas. O sistema de Ciência e Tecnologia chinês está sendo revolucionado para retirar o foco das atividades de P,D&I e colocá-lo na configuração global do sistema de inovação. Por exemplo, desde novembro de 2016 uma nova política de distribuição dos ganhos orientada pelo valor do conhecimento gerado está em implantação.

Para tanto, está sendo adotada uma nova sistemática de remuneração dos pesquisadores em “três camadas” que prevê um salário básico maior, um incremento na remuneração associada ao desempenho e a introdução do pagamento de prêmios proporcionais aos resultados econômicos proporcionados pelas inovações, chamados “resultados transformadores”. A intenção é combinar a motivação de longo prazo dada pelos direitos de propriedade com incentivos em dinheiro. Ao mesmo tempo, reformas institucionais estão em curso visando aumentar a capacidade governamental de monitoramento e avaliação desses “resultados transformadores”. Pretende-se criar as condições para delegar maior liberdade para os pesquisadores, favorecer o surgimento de start-ups, e assim por diante. Se vai funcionar, é pagar para ver. Mas se funcionar, bem-vindos ao Século Xi.